

Agatha Mayer Compani

agatha.compani@yahoo.com

Psicóloga Clínica

Danielle Ribeiro da Silva

danirif@gmail.com

Psicóloga



UM PEDAÇO MÍNIMO É
SEMPRE O ESPELHO TODO:
REFLEXÕES DE UM ESTUDO
DE CASO ATRAVÉS DO
OLHAR WINNICOTTIANO



Baixar artigo

RESUMO

Esse trabalho refletiu sobre o caso atendido em uma clínica-escola, compreendendo com a prática, o progresso da paciente e a importância da experiência do atendimento na formação do psicólogo. O método de pesquisa foi o clínico-qualitativo. Foram consideradas dezesseis sessões nesse estudo. A participante é uma mulher de quarenta e três anos com queixa de desorganização e sentimentos depressivos. Para o manejo, foi considerada a teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. Conclui-se que o vínculo terapêutico colabora para o tratamento, trazendo benefícios a paciente. .

Palavras-chave: Clínica-escola. D. W. Winnicott. Teoria do amadurecimento. Vínculo Terapêutico.

ABSTRACT

This study reflected upon a case treated in a school-clinic, comprehending through clinical practice, both the patient`s progress, as well as the importance of the experience in clinical care for the education of psychologists. The research method was clinical-qualitative. Only sixteen sessions were considered. The participant is a woman aged forty-three with complaints of disorganization and depression. D. W. Winnicott`s theory was used for clinical practice. It is concluded that the therapeutic alliance contributes to treatment, benefitting the patient.

Keywords: School-clinic, D. W. Winnicott, Clinical practice, Therapeutic alliance

INTRODUÇÃO

O estagiário da clínica se depara com a demanda do paciente, que busca diminuir seu sofrimento, esta demanda pode ser sentida pelo estagiário como infinitamente maior que os recursos que o mesmo tem disponível durante essa etapa de formação.

O que encontramos na clínica-escola são estagiários com um enorme desejo de saber. Assemelhando-se a mãe de um bebê recém-nascido, essa busca voraz pelo melhor manejo com o paciente, peculiar ao estagiário, pode ser sentida por todos que envolvem a realidade da experiência na clínica escola. O que nos chama a atenção se trata justamente do não-saber e do movimento de busca que fervilha no estagiário. Esse fenômeno que vemos no espaço universitário muito se assemelha ao 'adoecimento' descrito por Winnicott como preocupação materna primária.

Segundo Winnicott é no espaço vivencial da experiência – quando a mãe está em contato com o bebê, que a relação ganha forma. Temos no jovem estagiário na clínica escola o fenômeno da mãe dedicada comum, conforme descrito por Winnicott. O contato com o paciente está para além do preparo intelectual. Trata-se de uma certeza de outra ordem – da ordem da experiência. Em sua teoria, Winnicott nos brinda com o conceito da "magia da intimidade" entre a mãe e o bebê que acontece também entre o paciente e o estagiário na clínica, nos ensinando que a comunicação entre a mãe e seu bebê está para além do verbal e do formal. Conforme Dias, (2003, p. 155):

[...] no campo experiencial, envolvendo bebês [...], a compreensão não acontece por via exclusivamente intelectual ou mental, mas exige um tipo de proximidade e de comunicação com o paciente, semelhante ao contato entre a mãe e o bebê. A essa linguagem pertence, essencialmente, o silêncio, a comunicação pré-verbal e a pré-representacional.

Torna-se relevante a realização deste estudo de caso para que possamos reforçar o papel do atendimento clínico na formação do jovem estagiário de psicologia - um saber não encontrado nos livros teóricos, mas sim da ordem da experiência empática com o paciente e para que possamos aprofundar a compreensão do caso clínico apresentado nesse estudo atendido numa clínica escola.

TEORIA DO AMADURECIMENTO HUMANO

Fortemente influenciada pelas postulações ambientalistas do darwinismo, toda a teoria de D. W. Winnicott, pediatra e psicanalista inglês, se orienta no sentido de entender quais seriam as condições ambientais necessárias ao desenvolvimento psíquico do ser humano. Assim, dadas as condições favoráveis, o desenvolvimento emocional ocorreria espontaneamente por força de uma tendência inata (Klatau & Salem, 2009).

No início a dependência do bebê pelo ambiente é absoluta, e é graças ao cuidado contínuo e dedicado exercido pela mãe que ele pode gradativamente experimentar uma continuidade de ser no espaço e no tempo. Winnicott chamou de suficientemente boa a mãe capaz de propiciar este tipo de adaptação ativa às necessidades do bebê. Ele acreditava que toda mãe possui a capacidade de devotar um tipo de cuidado suficientemente bom ao filho. (Monteiro, 2003).

À esta atitude sensível, desenvolvida geralmente no final do período gestacional, e que se estende por algumas semanas após o nascimento da criança, Winnicott deu o nome de preocupação materna primária, um estado psicológico de profunda identificação com o bebê, que permite à mãe proporcionar-lhe um tipo de cuidado favorável, peculiar às suas necessidades. O bebê, em um estado de indiferenciação original, encontra-se numa condição subjetiva, na qual ele e mãe estão fusionados, isto é, há uma continuidade entre "eu e não-eu", não existindo um indivíduo, mas sim um conjunto ambiente-indivíduo (Klatau & Salem, 2009).

Nesse estado de peculiar e profunda identificação, a mãe oferece seu ego como sustentação ao ego ainda frágil e sem integração do bebê. Ela funciona como uma tradutora entre o mundo pulsional interno e os estímulos externos, imprimindo significados através da qualidade do seu cuidado materno, e assim, continuamente, contribuindo para que o bebê venha a alcançar o status de unidade.

Para que o bebê caminhe nesta direção, ele é encarregado de três tarefas básicas: integração, personalização e realização. Winnicott observou que o sucesso do bebê para conseguir realizar suas três metas, dependerá da suficiência da mãe em também desempenhar três tarefas: holding, handling e apresentação de objetos (Dias, 2003).

A mãe facilitará de uma forma específica cada uma das etapas do amadurecimento de seu bebê. A integração no espaço e no tempo que o bebê busca dependerá do holding, uma tarefa atribuída a mãe de fisicamente segurar e sustentar o bebê.

O manejo ou *handling*, se refere ao papel materno relacionado aos cuidados físicos do bebê, que garantirá o alojamento da psique em seu corpo. Por último, mas não menos importante, temos a apresentação de objetos, tarefa singular atribuída a mãe de apresentar ao seu bebê os objetos do mundo. O conjunto desses cuidados representa o ambiente total para o bebê, e a mãe deve desempenhar essas tarefas de forma suficientemente boa para que o bebê estabeleça bom contato com a realidade externa (Dias, 2003).

É somente através do cuidado materno contínuo que ocorre a integração do ego da criança, e somente a partir daí Winnicott passa a considerar que o bebê atingiu um status de unidade. Para o bebê, todas as experiências de cuidado realizadas de forma contínua estruturam juntas um sentido inicial de previsibilidade e continuidade, que darão origem ao sentimento de confiança no ambiente (Monteiro, 2003).

A mãe, durante o período de preocupação materna primária, é capaz de, no momento certo, apresentar o seio ao bebê faminto, que o percebe a partir de um momento de ilusão, como se este fosse uma parte sua. Este controle mágico, onipotente, é descrito por Winnicott como uma das bases da criatividade no ambiente. Ao fazer isso, a mãe proporciona ao bebê a possibilidade de sentir-se criador do que já estava lá para ser encontrado por ele.

O bebê que se encontra no estado de indiferenciação em relação a mãe é excepcionalmente sensível ao olhar materno, pois a partir deste olhar fundamentará sua previsão ambiental. A qualquer menção de ameaça, o bebê se reorganiza, tendo a autopreservação enquanto meta (Winnicott, 1975).

O olhar da mãe enquanto espelho deve refletir ao bebê nada mais do que há para ser visto, proporcionando-lhe um relaxamento e sentido de continuidade, de modo a validar o self do bebê para que este possa sentir-se real e habitar o mundo. A medida que a maturação se solidifica e a criança avança em seu desenvolvimento, sua gama de identificações aumenta em direção a saúde existencial e a dependência do rosto dos pais enquanto refletores do self, enfraquece (Winnicott, 1975).

A atuação da mãe suficientemente boa vai se modificando conforme se modificam as demandas do filho, que, aos poucos, torna-se mais competente em suportar as falhas da mãe na adaptação. Winnicott descreve um cenário onde se tudo vai bem, isto é, se o bebê vive uma experiência de cuidado suficientemente bom, nos tempos de necessidades absolutas, ele pode obter ganhos com a desilusão que a mãe o possibilita posteriormente. Se a adaptação quase perfeita é semelhante à "magia", pois leva à ilusão de onipotência do bebê, a falha na adaptação torna os objetos reais para o bebê (Winnicott, 1975).

Os bebês, já nos primeiros dias de vida costumam usar os dedos, mais comumente os polegares para a satisfação dos instintos da zona erógena oral. Conforme os meses passam, tendem a eleger um objeto especial, desta vez externo ao próprio corpo, com o qual se tornam apegados afetivamente. Trata-se da primeira possessão não-eu do bebê, conquistada a partir da relação com a região intermediária da experiência. Este objeto de natureza transicional, como descrito por Winnicott, é encontrado pelo bebê atendendo a uma necessidade vital de defendê-lo das ansiedades, principalmente da ansiedade depressiva, que acomete o bebê quando o mesmo se separa da mãe. O objeto transicional pode ser nas mais diversas formas – uma pontinha de lençol, um ursinho macio, fraldinha, boneca ou etc (Winnicott, 1975).

O bebê gradativamente conquista a capacidade de relacionar-se com os objetos externos, e a mãe passa a ser percebida enquanto um indivíduo, uma pessoa separada do bebê. O seio ganha um dono – pertence a mãe. O bebê que antes, por instinto, atacava implacavelmente o seio, começa a reconhecer que o seio é uma parte da mãe, aquela que cuida. A relação do bebê com a mãe torna-se total. Ora instintiva e excitada, ora tranquila e preocupada com o relacionamento. O concernimento, termo advindo do inglês concern que tem como etimologia a preocupação, trata-se de um momento de grande importância para o bebê pois este adquire justamente a habilidade de uma preocupação que é mobilizada pelo sentimento de culpa que ele carrega pela destruição causada (Winnicott, 1990).

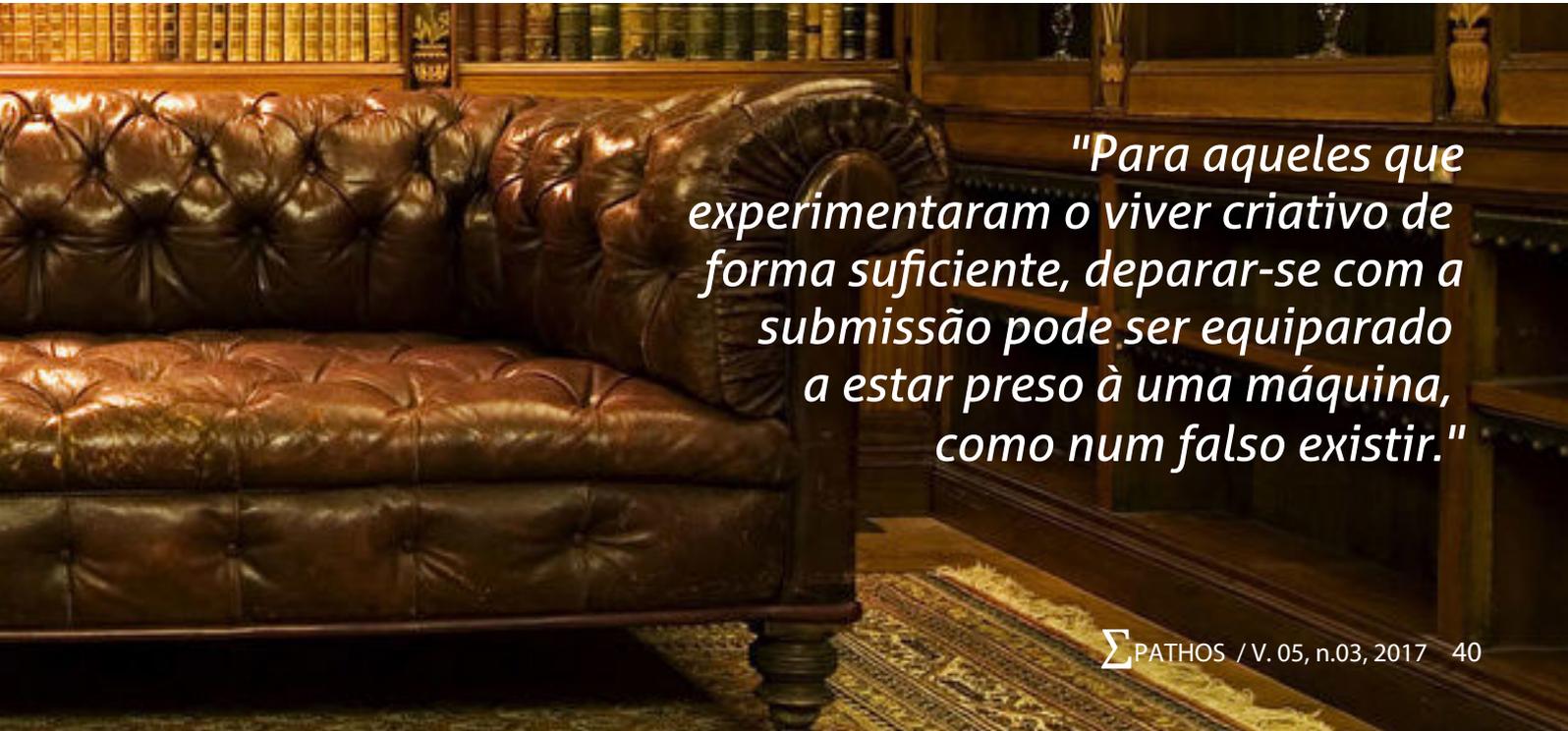
É graças ao tempo e capacidade da mãe suficientemente boa de suportar as investidas do bebê de forma constante, sustentando a situação, que o bebê gradativamente consegue “reorganizar as numerosas consequências imaginativas da experiência instintiva e resgatar algo que seja sentido como bom (...) e com isto reparar imaginativamente o dano causado a mãe” (Winnicott, 1990, p. 90).



A crença na reparação leva o indivíduo a manter a fé de que o mundo é um lugar que corresponde a sua capacidade criativa, conservando a espontaneidade na sua atitude em relação a realidade externa, está mais próximo de uma existência saudável segundo o que concebe a teoria winnicottiana (Winnicott, 1975).

Para aqueles que experimentaram o viver criativo de forma suficiente, deparar-se com a submissão pode ser equiparado a estar preso à uma máquina, como num falso existir. Winnicott descreve algumas condições clínicas em que devido à uma insistente intrusão ambiental a capacidade espontânea e criativa do ser é posta de lado, graças a necessidade de defender-se deste ambiente. O autor descreve que a capacidade da mãe de se identificar com as necessidades do bebê, nos tempos de dependência absoluta, conduzem-na a reconhecer e validar os gestos espontâneos do bebê, possibilitando-o um sentimento de onipotência fundamental para a vivência criativa. Este impulso espontâneo, primitivo, é proveniente de um self verdadeiro, que ao ser reconhecido pela mãe começa a ter vida e a fortalecer o ego do bebê. Quando a mãe não assume esta atuação suficientemente boa, impondo o seu próprio gesto ao invés de reconhecer o do bebê, acaba por validar uma condição de submissão que possibilita o aparecimento de um falso self (Winnicott, 1983).

O falso self passa a reagir às exigências ambientais, e a submissão torna-se um aspecto principal da personalidade. Para Winnicott (1983, p. 129) a função do falso self é "a de ocultar e proteger o self verdadeiro", diante da possibilidade de aniquilamento do verdadeiro self.



"Para aqueles que experimentaram o viver criativo de forma suficiente, deparar-se com a submissão pode ser equiparado a estar preso à uma máquina, como num falso existir."

OBJETIVOS

Este trabalho possui como objetivo geral refletir sobre o caso atendido, buscando compreender através da prática clínica e articulação teórica, tanto a dinâmica e progresso da paciente, quanto a importância da experiência do atendimento clínico na formação superior do psicólogo.

Num caráter mais concreto, os objetivos específicos se apresentam na intenção de alcançar a finalidade geral e torná-la aplicável a cenários particulares. São eles: Compreender o caso clínico atendido à luz da teoria winnicottiana, conceituando os principais elementos da teoria e articulando-os ao caso. Refletir sobre o contexto do encontro entre o estagiário e a paciente, observando os desdobramentos da relação terapêutica na clínica-escola e as repercussões desta relação para a formação do estagiário de psicologia.

MÉTODO

O método adotado neste estudo de caso é o clínico-qualitativo, explorando as relações de significado dos fenômenos observados e segundo Turato (2005), compreendendo o que elas querem dizer para os indivíduos. É no setting da clínica escola que se dá a pesquisa, contando com conteúdos íntimos e pessoais das diversas questões trazidas pelo paciente. O instrumento de pesquisa é o próprio pesquisador, que usará dos recursos teóricos e da própria personalidade para realização do exame do paciente. Trata-se de uma pesquisa na perspectiva psicanalítica que contará tanto com a abordagem e estilo próprio do analista, quanto com a imprevisibilidade do inconsciente. Esse método, clínico-qualitativo, utilizado para pesquisas em saúde, é específico para o setting da clínica-escola onde busca-se examinar, interpretar e compreender as vivências que são trazidas pelo paciente.

Esta pesquisa é baseada no atendimento do caso de uma mulher de quarenta e três anos, aqui denominada de 'Macabéa', um nome fictício extraído da obra literária de Clarice Lispector, "A Hora da Estrela"¹, a fim de garantir o direito ao sigilo ético a ela estendido enquanto paciente da clínica-escola do serviço de psicologia.

O nome foi escolhido pelas autoras deste trabalho por considerarem a existência de uma aproximação entre a personagem fictícia de autoria de Clarice Lispector, e a paciente atendida e estudada neste caso.

No entanto, cabe salientar que esta aproximação permanece no campo da metáfora, revelando uma relação de semelhança entre as duas – pessoa e personagem. A contribuição da obra de Clarice Lispector para este trabalho toca também o título, que é proveniente do texto “Os Espelhos”², sua utilização se justifica, pois, a estética desta obra ilustra elementos principais da compreensão teórica desenvolvida ao longo deste estudo.

A paciente procurou o atendimento na clínica-escola de uma universidade particular do sudeste paulistano, sendo seu primeiro atendimento realizado em agosto de 2015. A queixa era de uma desorganização que atingia diversas esferas de sua vida. Foram realizados dezesseis atendimentos com a paciente, de agosto de 2015 a janeiro de 2016, uma vez por semana e com duração de cinquenta minutos. Foram elaborados relatórios semanais da sessão articulados a teoria de orientação psicanalítica winnicottiano, a qual serviu de apoio norteador para a compreensão e manejo do caso. Para a teorização da clínica e orientação das estagiárias, os atendimentos eram discutidos semanalmente com o supervisor clínico. Após o término deste estudo, o caso continua sendo atendido na clínica-escola da instituição.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO CASO: LAMPEJOS DE UM REFLEXO

Era uma maldita e não sabia.
Agarrava-se a um fiapo de consciência e
repetia mentalmente sem cessar- eu sou, eu sou, eu sou.
Quem era é que não sabia.
(Lispector, C. 1998, p. 84)

Macabéa, uma mulher de quarenta e três anos, baiana, divorciada há dois anos e mãe de duas filhas adolescentes, que trabalha como diarista, procurou o atendimento na clínica escola em fevereiro de 2015, e tivemos nosso primeiro atendimento em agosto de 2015. Ela chega queixosa por sentir uma desorganização que atinge diversas esferas de sua vida. No entanto, diante do nosso convite, conta sua história com brilho nos olhos. É no encontro dos nossos olhares que Macabéa pôde reconhecer a possibilidade de achar em nós um espaço para ser vista e escutada de uma forma singular. Esta disponibilidade, localizada na pessoa do analista, é sentida pela paciente de uma forma sensível ainda nas primeiras sessões, como um ambiente favorável ao seu desenvolvimento pessoal.

Ao olharmos para Macabéa, percebemos sua necessidade não satisfeita de ter um lugar no mundo. Ao longo dos atendimentos, Macabéa mostrou-se voraz ao narrar sua história, trazendo uma grande quantidade de informações e um pedido claro por um sentido para o seu sofrimento. Sua fala é desorganizada, subjetiva e rápida. Nessa altura do processo, tomada pela incerteza da permanência dos cuidados oferecidos por nós, Macabéa nos parecia agitada nas sessões. Ela muda de assunto sem hesitação, tornando o acompanhamento de sua história desafiador. Macabéa não nos percebia de forma objetiva, mostrando uma qualidade subjetiva de relação – como se estivéssemos misturadas. Essa forma de nos perceber sugere um estado de indiferenciação, como descrito por Winnicott, nos primeiros tempos de vida do bebê, que não se distingue da mãe ou do ambiente. Em seu discurso Macabéa parecia ter certeza de que tínhamos conhecimento sobre o que ela falava. Em situações como as descritas acima, era necessário o uso do toque concreto sobre sua pele para localizá-la, oferecendo-lhe contorno no tempo e no espaço, como o experimentado pelo bebê quando a mãe desempenha a tarefa do handling.

Macabéa nos demandava uma sustentação total, o holding, tarefa atribuída a mãe suficientemente boa de Winnicott. Para o estabelecimento do nosso vínculo terapêutico, era necessário que promovêssemos o sentido de confiabilidade, que se dá graças a um cuidado previsível, constante e contínuo e ao sentimento de autenticidade percebido por Macabéa em nós. O manejo para esta paciente, conforme nos ilustra a teoria winnicottiana, assume a qualidade dos cuidados básicos, como são os que a mãe confere ao bebê nos tempos de dependência absoluta.

Macabéa relata que cresceu em um lar de privações na Bahia, sendo a filha do meio. Ela conta que nunca soube bem qual era o seu papel dentro da família e desde muito cedo pensava que teria nascido para sofrer. Sempre muito retraída por sentir-se pobre³, sofrera com comentários maldosos dos colegas e por vezes fugia de casa indo para a casa de parentes e professores, sem saber bem o que buscava nessas andanças, acabava retornando sozinha para casa. Percebemos que o movimento de Macabéa nos atendimentos, acompanha o ritmo dessa busca, que não está no encontro físico com o outro, mas por um lugar no outro.

Este lugar que Macabéa buscava em nós nos atendimentos se assemelha ao olhar da mãe enquanto espelho, que tem como função validar o SELF⁴ do bebê, conforme descreve Winnicott, dando-lhe um sentido de realidade para que possa habitar o mundo.

Em certa ocasião, ao se atrasar e perder o horário da sala de atendimento, Macabéa subitamente inicia a sessão no corredor, mostrando a urgência para nosso encontro e a pouca valia que dava ao ambiente físico, demonstrando encontrar em nós continência. Assim como para Macabéa, nossa disposição para a relação também não estava circunscrita aos limites físicos da clínica.

Mostrando-nos recortes da sua história pessoal, Macabéa reúne páginas onde o tema da busca por um lugar que seja seu se repete continuamente. Sai da Bahia e vem para São Paulo, onde sofreu de solidão, discriminação e choque cultural. Sente a violência de não conseguir se sentir pertencente à nova cidade e o que ela lhe traz, frustrando-se. Através de uma amiga, Macabéa conheceu seu futuro marido - um Maranhense 15 anos mais velho, com quem na época se identificava, uma pessoa tímida, acuada e muito reservada.

Mais adiante, nos contando sobre outras páginas, Macabéa relata sobre os seus 18 anos de casamento, época em que trabalhou fora e cuidou da casa - sobrando pouco tempo para cuidar de si e de seu relacionamento. Não tinha com o marido a relação que sempre sonhou e mantinha uma expectativa de que ele fosse um dia, "começar a olhar para ela". O marido, grosseiro, machista, e muito retraído, protagoniza com ela, uma vida conjugal difícil, com brigas e pedidos para que ela deixasse a casa. Macabéa atende ao pedido do marido e se muda para um pequeno quarto externo a casa apesar de realizar tentativas de reaproximação que não eram atendidas. É apenas quando o ex-marido lhe dá uma cesta de presentes, que Macabéa consegue reunir seus pertences e ir embora definitivamente. Muito mais do que uma cesta de presentes, o ex-companheiro de Macabéa lhe oferta um gesto de reconhecimento que era continuamente solicitado por ela e negado, um olhar que a refletisse enquanto pessoa – ainda que fosse um fragmento mínimo de olhar.

Macabéa conhece o novo namorado através de uma amiga. A relação assume uma qualidade íntima muito rápido e Macabéa nos significa seus sentimentos através dos cuidados que ele lhe proporciona – tratou de uma alergia que ela tinha nos pés com massagens e pomadas, cuidou da casa que mora, e até mesmo da educação das filhas dela. Macabéa nos relata que receber esses cuidados era a "melhor coisa", mas que em contrapartida, quando não os recebia, fica chateada, sensível e irritada.

Nas sessões que se seguem, os relatos de Macabea revelam um grande sofrimento sentido na relação com o outro. Na tentativa de se fazer compreender, Macabea diz possuir duas versões dela mesma. Uma primeira versão mais servil, que ela adora e aprova, capaz de manter um relacionamento mais adequado com as pessoas, sempre disposta para com os afazeres, porem que por vezes se desorganiza, é mais impulsiva e sofre por isso.

A segunda versão, ela não gosta, pois é desanimada, se isola, não percebe que a casa está bagunçada, não atende os amigos e por vezes não é simpática. Conta também que esta última versão tem seu lado positivo, é apenas neste estado que consegue tomar decisões importantes para si e reunir forças para agir com maior potência.

A narrativa de Macabéa traz como peculiaridade o reconhecimento de que sente possuir duas facetas, onde uma demonstra ter um funcionamento diferente da outra. Uma faceta, vivenciada como mais disponível socialmente, mais acessível para o outro e menos colaborativa para com as próprias necessidades, e uma outra, que num movimento contrário, demonstra se comprometer com o que é seu, e para isso muitas vezes precisa voltar suas costas para o outro. Olhando para cada uma dessas duas versões de forma mais aproximada, percebemos que, uma delas, a que é menos disponível socialmente, guarda um componente de espontaneidade importante, sentido como ausente por Macabéa em muitos de seus relacionamentos, onde ela se coloca numa posição servil - "Pessoas que pensam primeiro em si mesmas não mesclam bem comigo, pois sou muito trouxa." (Sic)

A espontaneidade possui uma compreensão importante no pensamento winnicottiano, através do conceito de verdadeiro e falso self. Diante de uma vivência de negligência do ambiente, que pode ser percebido como intrusivo o SELF espontâneo, verdadeiro, é substituído por um SELF aprendido, falso, que se adapta ao que o ambiente exige, devido a incapacidade do ambiente em perceber e validar o gesto de espontaneidade proveniente do SELF verdadeiro.

A adaptação de Macabéa em relação às exigências que faz em favor do outro traz como consequências um profundo sentimento de insatisfação na sua relação com o mundo, o que corrobora com sua busca por uma identidade existencial, um quem sou. Seu potencial criativo, advindo do SELF verdadeiro, espontâneo, anseia por uma manifestação, mas não encontra um caminho para tanto.

Macabéa quando nos conta sobre sua faceta menos social, relata sentir-se ensimesmada, cansada, e por vezes significa este sofrimento pela depressão, referindo sentir um grande sentimento de culpa quando destrata o outro. Ela nos ilustra com uma situação, entre tantas outras, onde teria se cansado de passar a camisa do namorado pela manhã como fazia todos os dias, se prejudicando, pois, isso lhe atrasava para o trabalho.

Em decorrência da dificuldade em se comunicar com o namorado, Macabéa tem uma explosão de raiva, recusando-se a passar a camisa, e passou o dia chorando de arrependimento.

Macabéa parece não acreditar que o mundo possa suportar a sua agressividade, o que faz com que ela evite conflitos e seja incapaz de colocar os limites em suas relações com o outro. - "Não gosto de causar problemas" (sic).

Teme que ao se colocar de forma agressiva, suas relações podem não sobreviver pois não sente confiança na sua capacidade de repará-las. A crença na reparação é fundamental para que a pessoa guarde a fé de que o mundo corresponde a sua capacidade criativa, permitindo a manifestação espontânea do SELF – um sinal da saúde do indivíduo.

Apesar da dificuldade em compreender, Macabea percebe sua ambivalência emocional, como pode-se constatar em seu relato de uma festa a fantasia para qual a mesma teria sido convidada. Macabéa relata que teria levantado animada e decidida a confeccionar sua própria fantasia. Decidira ir vestida de boneca Emília e então dirigiu-se a loja de tecidos para comprar um tecido colorido. No dia da festa, ela planejou acordar cedo para costurar sua fantasia, no entanto, o namorado solicitou que ela o acompanhasse a um serviço que ele deveria fazer. Devido a insistência do namorado, Macabéa o acompanhou, mas com a promessa de que voltariam a tempo para que ela pudesse confeccionar a fantasia. Macabéa e o namorado não retornam em tempo para que ela pudesse costurar a fantasia de Emília, o que a leva a ir com uma roupa de freira para a festa. Perguntamos porque queria ir de Emília e a mesma nos responde “Emília é sapequinha, terrível! Acho ela demais, superdivertida!” (sic) com isso, vemos a vontade de Macabéa posta de lado em prol da vontade do outro. A mesma vai à festa de freira, o oposto simbólico de Emília – a freira é casta, reservada, “coberta” (sic).

Nossa última sessão antes de longas férias foi o dia eleito para a entrega de um presente que poderia servir de espelho ou objeto transicional para Macabéa durante as férias. Diante do afastamento promovido pelas férias, o presente poderia cumprir este papel. No caso, um porta retrato com uma grande foto colorida da boneca Emília e no canto superior, uma pequena freira – objeto que foi retirado da fala de Macabéa, e que foi compreendido por nós, também como o objeto da sua busca.

No retorno das férias Macabéa nos pareceu diferente, pela primeira vez nos chama pelo nome, nomeia o namorado e as pessoas da família, demonstrando nos considerar como separadas dela e perceber o mundo de forma mais objetiva. A fala de Macabéa, também é percebida numa apresentação mais organizada após as férias.

Quando é ofertado a ela um atendimento a mais na semana, a paciente responde que não precisa, que “aguenta esperar” (sic), atestando pela confiabilidade conquistada na relação terapêutica. Se mostra mais à vontade no setting – como um bebê que se esparrama na certeza de ser sustentado.

Macabéa, ainda na primeira sessão após as férias, queixa-se da nossa ausência prolongada, dizendo que passou por diversos momentos em que se viu em conflito diante do outro – optando, muitas vezes por calar suas vontades. Sobre esses momentos ela diz “Eu pensava, meu deus, onde estão para me ajudar?!” – Essa fala da paciente é acompanhada por punhos cerrados e um olhar que esperava uma resposta. Diz que chorou por horas ao abrir nosso presente e que nesses momentos difíceis onde não conseguia expressar a sua vontade, recorria ao retrato da boneca Emília. Olhava para o retrato quando pensava “tem que ter outra forma!...” (sic). De viver? perguntamo-nos – O que reflete esse espelho? Macabéa, ao olhar para boneca Emília busca alguém. Nós? Ela? Seu verdadeiro SELF? Suas lágrimas nos servem de testemunha que o objeto simbólico era para ela algo de grandiosa valia – “um pedaço mínimo é sempre o espelho todo” (Lispector, C. 1998, p. 78).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este apanhado da teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott e relato do caso clínico, procurou-se refletir sobre o benefício conquistado tanto pela paciente durante o processo terapêutico, quanto para o amadurecimento clínico do estagiário em psicologia. O resultado do tratamento exibido pela paciente, mostrou-se satisfatório em grande parte pela relação humana, possibilitando o surgimento de um espaço potencial onde ela pudesse encontrar um convite para a criatividade.

No setting, conseguiu-se mobilizar na paciente uma busca por sentido, trazendo significado as suas experiências. O convite a simbolização e o presente dado a paciente nas férias, que serviu como um objeto transicional, representa para a paciente um símbolo capaz de reduzir sua angustia de separação e para as estagiárias, uma ampliação da maneira de se realizar a clínica dentro de um espaço institucional que conta com seus complicadores próprios.

É peculiar ao estagiário o desejo pelo aprendizado, que o conduzirá nesta busca pelo saber através do espaço relacional da experiência – algo que somente se torna possível de frente com seu paciente. Aqui, reforça-se a importância do estágio clínico na formação do psicólogo.

REFERÊNCIAS

- Dias, E. O. (2003). A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. Rio de Janeiro; Ed. Imago
- DSM IV - Manual Estatístico Diagnóstico de Transtornos Mentais, 4ª edição revisada
- Figueiredo, L. C. (2007). Confiança: a experiência de confiar na clínica psicanalítica e no plano da cultura. Revista Brasileira de Psicanálise. Vol. 41, n. 3, 69-87.
- Fulgencio, L. (2008). Aspectos Diferenciais da Noção de Ego e de Self na Obra de Winnicott. Rev. Estilos clin., São Paulo, v. 19, n. 1, 183-198
- Klatau, P. & Salem, P. (2009). Dependência e construção da confiança: A clínica psicanalítica nos limites da interpretação. Revista Natureza Humana 11(2): 33-54
- Lispector, C. (1998). A hora da Estrela. Rio de Janeiro: Ed. Rocco
- Monteiro, M. C. (2003). A importância da relação primária, A relação mãe e bebê, uma visão winnicottiana. In M.C. Monteiro. Um coração para dois: a relação mãe bebe cardiopata. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p. 105. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Puc-Rio.
- Turato, R. E. (2000). Introdução à Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: Definição e Principais Características, Revista Portuguesa de Psicossomática, vol. 2, núm. 1, Porto, Portugal
- Vieira, M.K.M. (2010) As primeiras recomendações freudianas: do grupo das quartas feiras à sistematização do tripé de formação do psicanalista. In: M.K.M. Vieira A Experiência do Inconsciente para o psicanalista em formação, segundo Freud. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, p. 114. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará.
- Winnicott, D. W. (1975). Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais. In: _____ O Brincar e a Realidade (pp. 10 – 47). Rio de Janeiro; Imago Ed
- Winnicott, D. W. (1975). O Brincar (Uma exposição Teórica). In: _____ O Brincar e a Realidade (pp. 65 – 88). Rio de Janeiro; Imago Ed
- Winnicott, D. W. (1975). O Brincar (A Atividade Criativa e a Busca do Self). In: _____ O Brincar e a Realidade (pp. 88 – 108). Rio de Janeiro; Imago Ed
- Winnicott, D. W. (1983). Distorção do Ego em Termos de Falso e Verdadeiro Self. In: _____ O ambiente e os processos de maturação, estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional (pp. 128 – 144). Porto Alegre; Artmed Ed
- Winnicott, D. W. (1990). Natureza Humana. São Paulo; Ed Imago
- Winnicott, D. W. (2011). O primeiro ano de vida: Concepções modernas do Desenvolvimento emocional. In: _____ A família e o desenvolvimento individual. (pp.3 - 20). São Paulo; Martins Fontes.

NOTAS

1 - Lispector, C. A hora da Estrela. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1998

2 - Lispector, C. Para não esquecer. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1999

3 - O termo 'pobre' aqui empregado, foi reproduzido a partir da fala da paciente. Ela o utiliza na tentativa de representar o sentimento de carência emocional por ela percebido em diversas esferas de sua vida. Por distanciar-se dos objetivos deste trabalho, não desenvolveremos uma compressão dos aspectos socioeconômicos da exclusão social, mas reconhecemos a importância do tema e de estudos que se dediquem a ampliar o olhar sobre esta questão.

4- Segundo Winnicott a ideia de um self é proveniente do sentimento de realidade vindo do senso de ter-se uma identidade. O self equivale a experiência da unidade empírica da pessoa ao se relacionar com o mundo. Nos primeiros tempos de vida do bebê, quando este empreende uma ação criativa, sustentada pelo ambiente, surge simultaneamente a experiência do self e o encontro com o objeto, subjetivo. A experiência do self não pode ser compreendida como um eu interno, pois ainda não há dentro ou fora, o bebe, é uma unidade dual com a mãe, e a experiência do self só pode acontecer junto a este ambiente que o constitui. Ao longo do processo de amadurecimento serão proporcionadas a criança inúmeras experiências de self, que pouco a pouco poderão ser integradas. Ao findar o processo de amadurecimento, todas as experiências de self poderão ser agrupadas e integradas, levando a criança a diferenciar-se do mundo, e chegar assim a fase do "Eu Sou". Winnicott acreditava que ao chegar a este estado de integração e conquistando a capacidade de preservá-lo a pessoa alcançava um aspecto central do seu desenvolvimento humano, que, a conduzia a sentir-se existindo enquanto pessoa. (Fulgêncio 2014, p. 191)